

Editorial

No mundo colorido, bem-humorado e nada convencional da escritora Eva Furnari, constituído por mais de 60 livros, e que formaram, e formam, continuamente novos leitores a partir de uma montanha de mais de 3 milhões de exemplares já vendidos pela autora, nem uma obra se parece com a outra. No entanto, elas guardam em comum um traço inconfundível, que já se tornou estilo. A ilustradora Eva Furnari surgiu antes da escritora, e é pelo desenho que tudo geralmente começa. “Escrever não é nada fácil”, afirma a escritora que, antes de se descobrir uma excelente contadora de histórias, já se sabia ilustradora. Do traço ao texto, cumpriria uma trajetória única como autora de literatura infantil, de forma intuitiva mas seguindo a coerência de quem se deixava levar, primeiro, pelo dom do desenho, do traço leve, da aquarela (técnica preferida, que usa desde suas primeiras aulas de arte na adolescência), para ver aonde suas ilustrações iriam chegar. Primeiro, Eva deu vida a histórias de outros autores, dezenas deles. Até que, aos poucos, a contadora de histórias emergisse, com uma força e criatividade insuspeitadas por ela própria, como contou na entrevista que concedeu à revista *Veras*. Para nossos leitores, Eva oferece, de brinde, alguns de seus meticulosos rascunhos, que mostram a estrutura arquitetônica, visual e textual, que sustenta suas obras. Fruto do trabalho, atualmente bastante premiado e gozando a merecida visibilidade, de uma artesã do traço e do texto.

Para quem entende que a boa literatura infantil é boa literatura para todas as idades, esta edição de *Veras* também traz outros atrativos e estímulos ao fazer didático criativo. Pegue-se a reflexão de Rafaela de Andrade Deiab em *Mundo das crianças versus mundo dos adultos* em *O Gatola da Cartola*: a autora se debruça sobre um dos maiores clássicos do gênero, escrito e ilustrado por Theodor Seuss Geisel, o Dr. Seuss, no início dos anos 1970, identificando na tensão entre mundo infantil e mundo adulto a principal chave de leitura e significação dessa obra. É do contraste entre diversão e regra, uma tensão dramática também explorada por Eva Furnari em vários de



seus livros, que a narrativa tira sua força – e que a mantém como obra atual, capaz de suscitar reflexões sobre infância e controle tanto nos pequenos leitores quanto nos adultos que, eventualmente, sejam seus intérpretes, e facilitadores, no mundo junto ao mundo da escrita.

Na mesma linha de estímulo à formação leitora é o artigo *Vamos brincar de poesia?*, de autoria de Giulianny Russo Marinho e Aline Leão. Nele, as autoras relatam uma experiência de leitura de poemas com leitores iniciantes, pertencentes a uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, que, investindo na ludicidade, estimulou as crianças a brincarem com as palavras (como fazem os bons poetas), em uma abordagem que trata a poesia como “gênero fronteiro”, que amplia seu alcance na medida em que incorpora, e é incorporado, por outras expressões: artísticas, corporais, lúdicas e como posicionamento diante do mundo. É do corpo a corpo com o texto, tendo como base a fruição, o prazer despertado pela descoberta da trama de palavras e do ritmo que fazem um poema reverberar na cabeça de seus leitores, que se constroem tanto a experiência descrita quanto o próprio artigo.

Uma outra experiência com crianças pequenas, desta vez ligando filosofia às artes, e que foi levada a cabo em território francês, é relatada por Amélie Lila Merle no artigo *Atividades direcionadas para turmas do infantil: uma experiência estética e filosófica da arte para um aprendizado das “emoções democráticas”*. Tendo como base teórica o trabalho de Martha Nussbaum sobre a aprendizagem das “emoções democráticas”, o artigo analisa como um ateliê de artes e de filosofia podem ser um condutor eficiente de experiências não apenas estéticas e artísticas, mas também propiciadoras de saberes de ordem emocional. As “emoções democráticas” são aquelas entendidas como “emoções voltadas para o outro e para a existência de cada um. Porém, como não são emoções inatas, elas devem ser ensinadas e obtidas por meio de um ensino específico”. São emoções criadoras de empatia, por desenvolverem a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro.

Ainda no universo dos leitores em formação, o artigo *Falar sobre livros: a metaliteratura em uma sala de primeiro ano*, apresentado por Daniela Silvério Ceron Mariano, está centrado na necessidade de ensinar os jovens leitores a conversarem sobre livros. Desta forma, direta ou indiretamente, estarão



conversando sobre suas vidas, e suas emoções. A autora constata, ao dar voz e escuta a leitores entre 6 e 7 anos, que estes “são capazes de elaborar um pensamento crítico a respeito da literatura”. A fala livre e desimpedida sobre os livros lidos tende a expandir para muito além do “gostei porque é legal”, comumente ouvido pelos professores. A chave, para a autora, é o uso correto da metaliteratura, que propiciaria aos leitores em formação a ampliação do universo de leituras a partir da compreensão de obras análogas e de um maior conhecimento dos gêneros literários.

Por fim, encerra esta edição de *Veras* uma experiência no campo oposto, em termos de faixa etária. Em *Matemática lúdica com pessoas idosas: estimulando a memória, compartilhando aprendizagens*, Maria de Fátima Caldas de Figueirêdo e Zélia Maria de Arruda Santiago analisam uma experiência de oficina pedagógica com jogos matemáticos educativos realizada em Campina Grande (PB) no contexto de um grupo de convívio de mulheres idosas. O objetivo era estimular a memória e diversas funções cognitivas por meio de jogos como “Caça-números”, “Hexágono mágico”, “Corrida aos trinta” e outros.

Dos novos aos veteranos leitores, por meio da diversão, da ilustração e do ritmo das palavras, os artigos desta edição tratam, em essência, do poder da leitura. Poder de transformar o mundo na medida em que nos transforma. E de transformar o nosso mundo na medida em que nos formamos, cercados por bons livros e bons mediadores – os professores, sem os quais essa roda virtuosa não seria capaz de girar.

Boa leitura!

Regina Scarpa, diretora pedagógica do Instituto Vera Cruz

Ricardo Prado e Gabriela Abuhab Valente, editores da revista *Veras*

